

SEXTA-FEIRA SANTA

3 DE ABRIL DE 2026

ISAÍAS 52.13-53.12

1 A TRIENAL

Na Série Trienal, os textos das leituras bíblicas da Sexta-feira Santa são sempre os mesmos (Sl 22 ou Sl 31; Is 52.13-53.12; Hb 4.14-16; 5.7-9; Jo 18.1-19.42 ou Jo 19.17-30). Optamos por enfatizar a leitura de Isaías 52.13-53.12, mas procuramos ampliar os demais textos e estabelecer algumas conexões entre eles.

1.1 Salmos 22

O Salmo 22 é um salmo messiânico. O Messias fala com e através do salmista. A agonia do salmista esbarra num problema com o qual nós ainda lutamos deste lado da eternidade e sempre lutaremos. Pessoas sofrem sem uma razão aparente, e Deus está em silêncio. A pergunta se repete: “Por quê?” Ela ecoa aqui e em vários salmos (por exemplo: 10.1; 42.10; 43.2; 44.24-25). Nessa questão do sofrimento, estamos apalpando no escuro, como as vozes que clamam nos salmos. O Salmo 22 convive com essa tensão familiar entre o suplicante sofredor e o silêncio de Deus. Não é diferente com Cristo na agonia da cruz.

Mas, a partir de 22.23, a tensão desaparece. De repente o salmista se encontra num lugar completamente diferente: vivo, sarado, triunfante. Antes, Deus estava ausente e o inimigo estava às portas; agora o inimigo está ausente e Deus está próximo. Antes, o salmista estava só e cercado por animais ferozes: touros, cães, leões, búfalos (22. 12-21) e um bando de malfeitores. É linguagem metafórica para descrever uma situação sem saída – a morte é certa.

Mas, agora ele está cercado e acolhido por seus irmãos (22.22-31). A situação é milagrosa e inexplicável. O salmista está no santuário de Deus - e ali há salvação, porque o SENHOR está ali. O tabernáculo e o templo não eram apenas construções belas e

exóticas, mas o lugar onde o terreno e o celestial se uniam. Pela obra do Servo, o altar é o eixo onde céu e Terra se encaixam.

A confiança do salmista em Deus está ancorada na história salvífica do povo de Deus. Deus salvou seu “filho” Israel no êxodo, no exílio (Êx 4.22-23; Os 11.1). Deus salvou lá atrás pela sua promessa, Deus me salva a mim pela mesma razão: assim confia o salmista, assim confia o Messias, assim confiamos nós. Como o salmista neste Salmo 22, o Messias, Jesus, agora pendurado no madeiro, clama ao pai que o desamparara naquele momento. E, embora agradasse ao pai fazê-lo moer, era assim necessário para que, pela oferta e pela culpa da humanidade, o Filho visse a sua “posteridade” e Deus, deixando o silêncio, se regozijasse no triunfo da ressurreição Dele - e nossa (Is 53.10; 1Co 5.7; 2Co 5.21).

1.2 Hebreus 4.14-16; 5.7-9

Esta perícopé contrasta o ministério de Jesus, o Grande Sumo Sacerdote, com o ministério do sumo sacerdote no Antigo Testamento no Dia da Expição (Lv 16). Naquele dia, a cada ano apenas, este adentrava a cortina do tabernáculo com incenso e sangue para fazer expiação pelos pecados dele e do povo de Deus. Nas Sexta-feira Santa, Jesus, com sua morte, abriu a cortina celestial e adentrou o santuário com sua expiação.

Hebreus 4 fala do “Filho de Deus” que se “compadeceu” de nossas fraquezas. O verbo *συμπαθεῖν* é um verbo composto: “ele sofre com” [*πασχω* “sofre” *sun* “com”] seus irmãos. O termo “fraquezas” [*ἀσθενείαις*] no livro de Hebreus não se refere a fraquezas físicas, deficiências ou enfermidade como em outros momentos no Novo Testamento, mas implica vulnerabilidade e fraqueza humana em face às tentações que resultam do pecado e em pecado.

A forma exortatória “aproximemo-nos” [*προσερχώμεθα*] é uma expressão litúrgica importante em Hebreus. A LXX usa o verbo ao traduzir o hebraico קָרַב, “aproximar-se” – um termo semi-técnico do culto no Antigo Testamento usado no sentido espacial referindo-se à localização dos sacerdotes no exercício das suas funções estabelecidas por Deus (Lv 10.3) com relação ao santuário (Lv 10.4; Nm 18.22), aos utensílios (Nm 18.3,4), ao altar para o holocausto e altar do incenso (Lv 21.23; Nm 17.5). A LXX emprega o mesmo verbo com relação ao “aproximar-se” da congregação na presença de Deus

numa teofania no deserto (Êx 16.9), no monte Sinai (Êx 34.32; Dt 4.11) e no entorno do santuário (Lv 9.5; Nm 10.14). O autor usa este verbo 7 vezes no livro. Visto que tem Jesus como seu Grande Sumo Sacerdote, o povo pode “aproximar-se” do trono da graça. O povo não se aproxima de Deus, o Rei, diretamente, mas através do Sumo Sacerdote, Jesus, que pelo povo intercede e por esse povo obtém misericórdia e graça (4.14). O imaginário espacial aqui é significativo. No culto divino a congregação ocupa um novo espaço, um local paradoxal onde ela tem acesso aos céus já aqui por meio de Jesus. Este Sumo Sacerdote pode fazer o que os demais sacerdotes não podem, ou seja, Ele emprega seu poder para se “*compadecer*” do povo de uma maneira plena, sofrendo com eles. Tendo sido “tentado em todas as coisas,” “mas sem pecado,” Jesus provê um lugar seguro, um santuário para eles, livre do pecado e suas impurezas.

Jesus, o Mediador, dá-nos acesso ao Pai e ao seu trono da graça. Embora não mereçamos nada, podemos nos “aproximar” do próprio Deus, diretamente, com confiança, para recebermos “misericórdia e encontrarmos graça” para nós e para os outros. Hebreus 4. 4-16 ensina que o culto cristão é acima e antes de tudo uma questão de recepção do que Deus oferece por meio do “Autor da salvação eterna” (5.9).

1.3 João 19.17-30

O evangelista João descreve o horror da crucificação. O nome do local está em 2 línguas: Calvário, do latim *calvaria*, que significa “crânio,” (2Rs 9.35) e Gólgota (hebraico), com o mesmo significado. A razão porque recebeu este nome não é conhecida, embora a explicação usual seja de que Jesus foi crucificado num monte com o formato de caveira. Talvez. Mas, apesar de se ouvir referências em livros, sermões e palestras, não há nos evangelhos algo que indique que Jesus foi crucificado sobre um monte. Outra explicação, datada do tempo de Orígenes, afirma que o local recebe este nome porque Adão foi sepultado neste lugar. Enfim, todas as sugestões são apenas sugestões. Turistas de hoje são induzidos a crer que “este,” foi o local da crucificação e sepultamento de Jesus. Mas, tudo é tradição, ou seja, pode ou não pode ser.

Optando por uma inscrição trilingue sobre a cruz, Pilatos, sem se dar conta, está espalhando a obra e pessoa de Cristo para dentro e fora dos muros de Jerusalém. O hebraico era a língua do país, o latim a língua oficial e grego a língua da comunicação do

Império Romano. Os transeuntes curiosos que por ali passavam (e não eram poucos), liam a mensagem na sua própria língua e comentavam o episódio nas suas relações familiares, sociais e comerciais.

A divisão das roupas de Jesus em quatro partes mostra que eram quatro os soldados responsáveis pela crucificação. O v. 25 evidencia que Jesus não estava inteiramente desacompanhado nos momentos da sua morte. João nomeia quatro mulheres presentes na crucificação. É possível que essas tenham providenciado as quatro peças de roupa para corresponder ao número de soldados: quatro executores; quatro mulheres lamentando (cf. Mt 27.55; Lc 8.2-3). A túnica, sendo sorteada, fecha o cumprimento do v. 18 do Salmo 22.

Mesmo nas horas mais agonizantes, Jesus não esquece de sua mãe. (A propósito, em nenhum lugar dos evangelhos Jesus chama Maria de “mãe”.) É curioso que ele a deixa aos cuidados do seu “discípulo amado,” e não aos cuidados dos irmãos dele. Estes, na verdade, não creram nele (7.5); Maria creu. Inobstante, parece que a crucificação e a ressurreição efetuaram neles uma mudança pois, após a ascensão, nós os vemos associados aos apóstolos e a Maria (At 1.14).

Vinagre era um vinho barato, usado pelas multidões. Hissopo era usado em conexão com as cerimônias da Páscoa (Êx 12.22). João poderia estar conectando Jesus com o sacrifício pascal, o Cordeiro perfeito que tira o pecado do mundo. Jesus bebe e imediatamente diz: “Está consumado”. É o grito do *Christus Victor*, o Cristo Vencedor. É o triunfante reconhecimento de que completara a obra para a qual veio ao mundo - e então “inclinando a cabeça, entregou o espírito”. “Inclinar a cabeça” é expressão para deitar-se na cama para repousar: “O filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8.20; Lc 9.58). A relação de Jesus com a morte não é a mesma que a das outras pessoas. O lugar de descanso para sua cabeça que ele não encontrou na terra, ele o encontra na cruz.

1.4 Isaías 52.13-53.12

A subdivisão deste cântico do servo em Isaías, mostra o cochilo dos divisores dos capítulos da Idade Média ao separar os três últimos versículos do capítulo 52 do capítulo 53. Bem, a expressão “meu servo” [עַבְדִּי] em 52.13, indica que esses versículos iniciam o

último dos quatro cânticos (42.1-4; 49.1-6; 50.4-9; 52.13- 53 – 12). O primeiro cântico refere-se a Israel, que fracassou na sua vocação de servo, mas Jesus, como servo sofredor, cumpriu fielmente o que o povo foi incapaz de fazer. Os próximos três cânticos se referem apenas a Jesus (At 3.13, 26; 4.27, 30). O cântico inicia prolepticamente com o grito de vitória (52.13) e termina com o Vitorioso partilhando o seu despojo com os “muitos” (53.12).

Em 52.13 chama a atenção as três construções verbais que a igreja historicamente tem interpretado como a antecipação da ressurreição (“exaltado”), da ascensão (“elevado”) e o assentar-se à direita do Pai (“mui sublime”). Em 52.13, o servo é apresentado na terceira pessoa. A mudança para a segunda pessoa masculina singular com o sufixo pronominal “à vista de ti,” surpreende, mas é normal no texto bíblico. Algumas versões trazem “à vista dele,” (ARA, NAA); já no versículo 14 “sua aparência” e 15 “por causa dele,” há um retorno abrupto à terceira pessoa. “Muitos” (רַבִּים), no v. 14 é um termo inclusivo, ou seja, um termo semi-técnico para “todos.” Em Dn 12.2, por exemplo, o termo רַבִּים “os muitos” refere-se à ressurreição de *todos* os mortos. Jesus aplica este uso ao descrever a si mesmo como “o resgate por *muitos*” (Mt 20.28; Mc 10.45); e na Última Ceia declara que o seu sangue é derramado “em favor de *muitos*, para remissão de pecados” (Mt 26.28; cf. Hb 9.28).

É importante destacar em 53.15 o verbo הִזָּק, que vem do Hiphil de הָזַק (com o *nun* assimilado). O verbo aparece 24 vezes no Antigo Testamento e 21 vezes está no contexto cúltico de Êxodo, Levítico e Números, “aspergir, borrifar” com água ou com sangue. Um dos momentos mais importantes está em Êx 24.8 quando descreve Moisés “aspergindo” o povo com o “sangue da aliança” (Cf Lv 4.6; 7.11; Hb 9.13, 19, 21; 10.22). No Antigo Testamento, a aspersão não é apenas pelo sangue, mas também pela água (Ez 36.22-26): “Aspergirei água pura sobre vós e sereis purificados” (36.25). A ligação com o batismo é imediata. Confira os 4 versículos após o evangelho de hoje – não é sem razão que do corpo de Jesus vertem sangue e água. (A forma θαυμάσονται “admirar-se,” apresentada pela LXX e repetida por diferentes versões, não tem amparo de nenhum manuscrito hebraico.)

“Reis fecharão a sua boca” (52.15) é significativo. Por vezes, “abrir a boca” é oposto, ou seja, para ridicularizar (Sl 22.13; 35.21). Mas, aqui “reis fecharão a sua boca”,

eles o fazem em sinal de surpresa e respeito, ou seja, até mesmo reis se submetem ao servo, prestando culto e homenagem ao Filho, que é o rei.

Entretanto, todas as qualidades que se espera no Rei como poder, beleza, majestade estão ausentes no Servo. O cap. 53 descreve uma realidade antagônica ao falar da sua origem frágil e humilde. O termo *קִנֹּי*, “planta nova”, “renovo”, ocorre apenas aqui no Antigo Testamento e sua origem vem de *קָנָה*, “mamar”, denotando um menino bebê (Nm 11.12; Dt 32.25). Normalmente, uma planta seria nutrida por córregos de água, mas o pequeno menino vem de “terra seca”. Como chamam a atenção alguns, a expressão explica por que as pessoas (Israel – e nós!) acham difícil crer que Ele era o *locus* da revelação/salvação de Yahweh. Mas, a glória de Deus está abscondita, reclusa na singeleza da manjedoura e na tortura da cruz.

Aparência, beleza e formosura são descrições de pessoas específicas no Antigo Testamento como Raquel (Gn 29.17), José (Gn 39.6) e Davi (1Sm 16.18). Mas, todas estas três qualidades são negadas com a partícula *אֵל*. Do ponto de vista humano, racional, o Servo nada tem de rei. Só lhe resta o desprezo (v. 3). Não era “normal” e, por isso, era rejeitado pelos homens.

No v. 4, *וְכֵן* seria mais bem traduzido por “contudo, no entanto”, revertendo o que imediatamente precede. O verbo *קָנָה*, “levantar, carregar” reaparece em 53.12. A forma do Qal descreve seu estado de humilhação durante o qual ele carrega as enfermidades (53.4) e pecado (53.12) de toda a humanidade. No deserto, o bode emissário carrega todas as iniquidades de Israel (Lv 16.22). Aqui se expressa a linguagem substitucionária. Mas, em 4b há uma alegria pelo sofrimento do Servo, ou seja, Ele sofre porque merece. É o que o alemão chama de *Schadenfreude*, regozijo pela derrota do outro.

A conjunção *vav*, “mas”, no v. 5 é a resposta da fé: Ele sofre *pro nobis*. Por meio do sofrimento dele vem a nossa paz (*דָּלִיָּה*). Nossa paz vem apenas por este meio e não outro. Na noite em que Jesus foi traído, ele disse a um de seus discípulos para embainhar a espada (Mt 26.52). Era como se dissesse: “Se eu promovesse a paz da forma como cada um tenta, que diferença faria? A única forma de quebrar o ciclo da violência é se alguém morrer por ele.”

Os vv. 6-7 descrevem a característica típica da ovelha, ou seja, ela se dispersa, se desgarra. Na sua ingenuidade se expõe ao risco de morte. O Servo é ovelha e Cordeiro, mas não se desvia do seu caminho do sacrifício - o caminho da cruz. Jesus fica em

silêncio na sua caminhada, não abre sua boca nem diante de Pilatos para defender sua inocência.

Os vv. 8-9 testemunham que ninguém estava interessado nele. Morreu e foi sepultado. O túmulo de José de Arimateia era novo. Nele não havia ossos, nem restos mortais – nenhum vestígio de morte. O v. 10 diz que esta era a vontade do SENHOR, este era o plano da salvação. O Servo é a “oferta pela culpa” [אַשָׁם]. Na oferta pela culpa além do ressarcimento do prejuízo efetuado, paga-se mais 20% como multa. Teologicamente, o Servo paga toda a culpa e mais do que é necessário. É um sacrifício pleno, suficiente.

Depois de tudo, ele verá o fruto da sua obra, a sua posteridade na sua ressurreição. A expressão כְּרִבִּים, “com os muitos”, mostra que o Servo vai compartilhar com o seu rebanho, a sua igreja, o despojo. Mesmo enumerado entre os transgressores, morreu, mas ressuscitou e está vivo. Ele é o vitorioso que adentrou o santuário de Deus e intercede por todos – por nós!

2 ESTRUTURA E ESBOÇO

Este cântico do Servo tem uma estrutura e sequência lógicas, podendo ser esboçado da seguinte forma, como sugerem alguns:

- Yahweh descreve a exaltação do servo (52.13)
- Yahweh apresenta a humilhação, expiação e senhorio do Servo (52.14-15)
- Nós confessamos os nossos pecados (53.1-11b)

Rejeitamos o Servo (53.1-3)

O Servo carrega nossas transgressões (53.4-6)

O Servo sofre e morre injustamente por nós (53.7-9)

O Servo é nosso sacrifício expiador (53.10-11b)

- Yahweh anuncia a vitória do Servo (53.11c-12)

2.1 Tema

No silêncio de Deus, o Servo descansa a cabeça na cruz por nós.